

Ao Samuel Justus

Manoel Augustão era um caçador de primeira qualidade. Não havia caçada de que não participasse. Seria capaz de brigar com os amigos se estes, por um motivo ou por outro, esquecessem de convidá-lo.

Manoel Augustão possuía uma cachorra perdigueira muito bonita e melhor tratada, a que dava o nome de "Preciosa", por ser mesmo uma preciosidade de cachorra. Havia pago por ela um dinheirão.

"Preciosa" era o motivo da inveja geral da vizinhança, constituída quase exclusivamente de caçadores. Nenhum dos vizinhos possuía um perdigueiro à altura de "Preciosa".

"Preciosa" sabia que era invejada. Quando os vizinhos passavam pela casa de Manoel Augustão, e olhavam por sobre a cerca, ela fazia a mais "coquette" de suas poses, e andava como se fosse uma Rainha. Nenhuma mosca tinha o direito de pousar sobre o seu lustroso pelo, e nem as pulgas de se alojarem entre eles: seria um verdadeiro sacrilégio, e Manoel Augustão nunca haveria de permitir isto.

O grande caçador era também um defensor da raça pura. "Preciosa" era perdigueira cem por cento. Em outras palavras, a cachorra tinha "pedigree". Quando a cachorra entrava no tempo do cio, Manoel Augustão ficava mais preocupado do que nunca. Se o mundo ruísse de um momento para outro, Manoel Augustão não ficaria mais preocupado do que se "Preciosa" lhe concedesse alguns filhotes espúrios de cães vadios, anônimos, sem raça.

Cada vez que chegava o tempo do cio de "Preciosa", Manoel Augustão reforçava as cercas de sua propriedade, e chegava a ficar de plantão noites inteiras, a fim de evitar possíveis invasões.

Certo dia, porém, aconteceu o inevitável. Manoel Augustão, que ficara a noite inteira de plantão, à tarde fôra tirar uma soneca, a fim de recuperar o sono perdido, e para que pudesse ficar atento logo mais à noite.

Os cães vadios, todos os tamanhos e aparências, que apenas esperavam essa oportunidade, abriram um tunel sob a cerca, entrando em seguida em verdadeira cambulhada. Em poucos instantes, havia exatamente doze cães vira-latas no quintal de Manoel Augustão.

E começou a farra.

Os cães lutavam pela primazia de fundar "Preciosa", a qual, ciente de seu papel de propagadora da espécie, aguardava ansiosamente o momento de ser possuída pelo mais valente.

Foi uma gritaria danada, pois cada um deles queria ser o preferido pelos favores de "Preciosa".

Aqueles ganidos acordaram Manoel Augustão de sua soneca. Levantou-se do leito, chegou à janela, viu o que estava acontecendo no quintal, e quase teve uma síncope cardíaca. Caiu estatelado no chão, como pedra que se desprende da rocha. Mal se refez do susto, levantou-se e saiu para o quintal, berrando em plenos pulmões, na vã esperança de espantar dali os cães vadios. Inúteis, porém, foram os seus berros: os cães nem deram pela sua presença.

Manoel Augustão teve então uma idéia genial: ácido de bateria. Manoel tinha um velho fordéco, com aparência de imprestável mas que ainda fazia algum barulho. Foi até o fordéco, tirou a bateria, colocou-a perto do túnel que os cães haviam feito. Após isso, examinou o tunel: muito largo, dava passagem rápida. E era necessário, para que se consumasse sua vingança, que o tunel fosse menor. Colocou então um tijolo no tunel.

Armou-se Manoel Augustão de uma vara, enrolou estopa na ponta, e deixou tudo preparado para a consumação de seu plano de vingança. Aqueles cães vadios nunca mais viriam deturpar o "pedigree" de sua "Preciosa".

Chamou Tonico, seu filho, ordenou-lhe que apanhasse um chicote e com ele espantasse os cães. E assim foi feito.

Um a um, os cães foram-se acovardando, e foram saindo de "fininho". Mas, ao quererem atravessar o tunel, emperravam no tijolo. E Manoel Augustão se aproveitava disso para, após molhar a estopa no ácido de bateria, lambusar-lhes fortemente o trazeiro. Sentindo aquele fogo líquido na retaguarda, os cães faziam um esforço danado, e conseguiam atravessar o túnel. Assim, em poucos instantes, os doze cães foram batizados na retaguarda pelo ácido de bateria.

Mas, Manoel Augustão não contava com uma particularidade, que ele havia esquecido por completo.

Aquela hora, saía da igreja defronte à sua casa, um suntuoso entêrro de gente rica. Várias pessoas de ar circunspecto acompanhavam o côche fúnebre. Eram pessoas de caras enferruscadas, pessoas que por certo nunca riram na vida, tão aprofundadas que viviam em seus negócios comerciais. Dizem mesmo que quem se preocupa muito por dinheiro, não tem tempo para rir. Esta é a razão porque sofrem do fígado.

E todas aquelas pessoas ficaram notavelmente espantadas. A princípio, não quiseram acreditar no que seus olhos viam.

Bem ao lado do côche fúnebre, doze cães, numa velocidade desusada, corriam por sobre o gramado. E corriam na mais cômica posição do mundo: fazendo grandes círculos, rabeavam o trazeiro pelo gramado, tendo assim grande dificuldade em correr.

Em menos de um minuto, o entêrro, antes tão sério, tão circunspecto, havia-se transformado numa grosseira palhaçada.

Todos riam. As mulheres, escondendo o rosto nos lenços já molhados de lágrimas, e os homens às gargalhadas, com as mãos nas gordas ilhargas. O cocheiro quase caiu de seu banco, de tanto rir. De todos, só não ria o morto, que não tinha razão para tanto, e nem lhe incomodavam mais as palhaçadas terrenas.

Manoel Augustão que observava tudo por cima da cerca, pôs as mãos na cabeça, e disse meia dúzia de nomes feios, que seriam um tanto impróprios de serem reproduzidos.

— "Não era isso o que eu queria", dizia ele, puxando os cabelos de raiva, "não era isso!..."

A vingança de Manoel Augustão havia-se transformado numa palhaçada. Os parentes do morto, contudo, não acharam muita graça, e quiseram processar a Manoel Augustão por aquele atentado à dor de uma família, um verdadeiro sacrilégio. O grande caçador ajoelhou-se diante do côche fúnebre, e, entre lágrimas, pediu perdão pelo pecado que cometera. Em sua volta, os cães ainda corriam, rabeando o trazeiro pelo gramado, e gahindo de dor.

E, que eu saiba, até hoje Manoel Augustão nunca mais falou em "pedigree"...